



Ação diante do intempestivo: o posicionamento necessário do ensino de teatro em tempos de isolamento social

Action in the untimely: the necessary positioning of theater teaching in times of social isolation

Maksin Oliveira¹

1. Mestrando no PPGAC da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Professor Substituto do Setor Curricular de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. End.: Rua José Joaquim Seabra, s/n - Lagoa, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22470-130. E-mail: maksin.oliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0215-9667>

Resumo |

Este texto reflete sobre os impactos do distanciamento social, imposto em função da pandemia de coronavírus no Brasil, no ensino de teatro na educação básica. Considera-se que a presença das artes cênicas nas discussões sobre as propostas de atividades educativas remotas é um posicionamento político necessário na disputa pela afirmação do ensino de teatro na escola como componente curricular indispensável. Este trabalho apoia-se na *Abordagem Triangular*, proposta por Ana Mae Barbosa, considerando os focos nos conceitos de leitura e contextualização como possibilidades de educação remota. Este trabalho não oferece caráter prescritivo, mas apresenta uma experiência de ensino da história do teatro apoiada em plataformas digitais e considera a possibilidade de apreciação e discussão de jogos de improvisação teatral do chamado Sistema Impro, por meio de registros em vídeo disponíveis no Youtube, como exemplos possíveis de atuação educacional no atual contexto.

Palavras-chave: Ensino de teatro. Distanciamento social. Coronavírus. Abordagem triangular.

Abstract |

This text reflects on the impacts of mandatory social distancing, imposed on the Brazilian population due to the coronavirus pandemic, in the teaching of theater in Basic Education. It is believed that the presence of the performing arts in discussions on proposals for remote educational activities is a necessary political position in the dispute for the affirmation of theater teaching in schools as an indispensable curricular component. This work is based on the *Triangular Approach*, proposed by Ana Mae Barbosa, considering the focuses on the concepts of reading and contextualization as possibilities of remote education. This work does not offer a prescriptive character, rather it presents an experience on teaching History of Theatre supported by digital platforms, and considers the possibility of appreciation and discussion of theatrical improvisational games of the so-called Impro System, through video registration available on Youtube, as possible examples of educational actions in the current context.

Keywords: Theater teaching. Social distancing. Coronavirus. Triangular Approach.

Escrevo as palavras que se seguem em um contexto brasileiro absolutamente caótico, com governantes propagando desinformação; grupos da sociedade que assumem, despudoradamente, posturas fascistas; e a perversidade-mor de uma sociedade crente no neoliberalismo, que propagandeia uma falsa dicotomia: ou se salvam vidas ou se salva a economia. Muitos eugenistas desejam “salvar” a economia às custas de vidas que não serão as suas. Apenas ontem, dia 13/05/2020, foram 749 mortes oficiais em decorrência do Covid-19 (CANCIAN, 2020, sem paginação).

Nesta realidade distópica, uma das poucas certezas de cientistas do mundo inteiro diz respeito à necessidade do isolamento social (UOL, 2020, sem paginação), para que tenhamos menos casos da doença enquanto se busca a imunização ou tratamento, mantendo em funcionamento presencial apenas os serviços essenciais. A questão é que, diante de uma Presidência da República que organizava um churrasco para mais de mil pessoas quando o número de mortos se aproximava de dez mil (SANDES, 2020, sem paginação), a definição de quais seriam estes serviços essenciais mostrou-se, no mínimo, discutível. A saber, de acordo com o decreto federal de 11/05/2020, salões de beleza e barbearia seriam considerados serviços essenciais, por exemplo (MAZUI, 2020, sem paginação).

Diante dos dois gigantes desafios que a sociedade brasileira tem de enfrentar em 2020 – a pandemia do novo Coronavírus e a idiotia – nós, que podemos, seguimos em isolamento social trabalhando, estudando, criando, militando, informando, sobrevivendo. Esta nova realidade tem afetado sobremaneira as relações sociais e, nesta seara, as discussões sobre educação por acesso remoto vêm se avolumando, provocando uma série de reflexões sobre a acessibilidade destas alternativas e o alargamento das diferenças sociais. Enquanto 25,3% dos brasileiros

não têm acesso à internet (TOKARINA, 2020, sem paginação), emerge a certeza de que a oferta de aulas online e a demora para a tomada de decisão a respeito do adiamento do calendário do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM (SALDAÑA, 2020, sem paginação) amplificam a distância social entre as camadas mais desfavorecidas da população e o restante da sociedade brasileira.

Por outro lado, quando se observa que a maior parte das escolas da rede privada de ensino adotaram aulas remotas, surge o questionamento sobre o quanto a ausência de escolas públicas no ambiente virtual enfraquece seus estudantes e as redes públicas de educação básica, em si. É de recear que as experiências com ensino remoto na educação básica, devido ao atual contexto de isolamento social, sejam utilizadas por interesses econômicos neoliberais para justificar esta modalidade de educação como a realidade da educação contemporânea no mundo pós-pandemia. Ou seja, é provável que esta crise seja aproveitada como justificativa para a defesa de uma escolarização não presencial como modelo da educação básica.

Este discurso, além de justificar desigualdades sociais, através da meritocracia, ignora o valor do teatro como disciplina escolar que traz significados que não podem ser acessados de nenhuma outra maneira. A relação do Ensino de Teatro com o corpo – elemento hierarquicamente inferior à mente, na perspectiva dualista cartesiana – ganha protagonismo para a expressão cênica a partir do encontro presencial. Através de uma relação entre corpo e mente, que não privilegia este em detrimento daquele, abrimos espaço para possibilidades de representação da sociedade, a respeito do grupo social, dos valores, das tradições e das crenças. Jorge Larrosa diz que vida e linguagem são modos do corpo, sendo as possibilidades do corpo – e da vida – infinitas. Portanto, a diminuição do corpo é a diminuição da vida (LARROSA, 2017). A

criação estética teatral, assim, possibilita dimensões de aprendizado singulares, a partir do encontro com o outro, da reflexão e significação das experiências inscritas em nossa corporeidade.

Entretanto, em meio a tantas disputas no campo educacional e à realidade pandêmica, da qual ainda não temos meios de escapar, considero importante que pensemos alternativas para a presença das artes cênicas na educação básica, mesmo remotamente, admitindo todos os prejuízos que soframos, para que a ampla experiência do evento teatral possa ter lugar. O Ensino de Teatro como componente curricular independente e obrigatório foi uma importante conquista de arte-educadores, que precisa ser constantemente reafirmada. Nas últimas décadas, os objetivos do teatro na escola deixaram de ser sustentados por conceitos advindos da psicologia e educação (desenvolver a criatividade, a livre-expressão, a socialização); sendo empregado como instrumento para a aprendizagem de conteúdos de outras disciplinas ou para a criação de peças ufanistas e moralizantes. As práticas do teatro na escola passaram a se sustentar nas especificidades da estética teatral.

Este deslocamento conceitual foi uma conquista política de artistas e docentes que, organizados em associações e federações, mantiveram uma postura crítica e propositiva, principalmente a partir dos anos 1980, diante da realidade do ensino de teatro à época. Assim, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), foi resultado de condições criadas a partir das demandas de profissionais da área.

Penso que refletir sobre possíveis maneiras para a presença de atividades teatrais na educação remota hoje passa, então, a ser politicamente indispensável para reafirmar esta área de conhecimento como indispensável à escola. Lembremos que na Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), o ensino das artes perde a posição de *área de conhecimento* e é alocado em *linguagens*; sendo o teatro um de seus subcomponentes, junto com língua portuguesa, língua estrangeira e educação física. Também é importante lembrar que a BNCC extinguiu do Ensino Médio a obrigatoriedade do ensino de teatro e demais artes. Notamos que, apesar das conquistas em termos de políticas educacionais das últimas décadas, conceitos há muito superados no campo do Teatro-Educação, ainda estão presentes, como o espectro de Hamlet pai, no imaginário de significativa parte da sociedade. Para que o teatro seja valorizado conforme desejamos, é preciso criar demanda para esta compreensão, é preciso que ocupemos os espaços físico e virtual.

A humanidade necessita relacionar-se com a arte para ser capaz de elaborar outras realidades possíveis e assim, conseqüentemente, desenvolver-se. Johan Huizinga, em seu livro *Homo Ludens* (2008), mostra que “[...] encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 2008, p. 6). A necessidade de comunicar-se artisticamente pode ser observada na profusão de manifestações artísticas de pessoas que cantam, tocam instrumentos, dançam em suas janelas e varandas (BORGES, 2020, sem paginação); no aumento do consumo de filmes e séries online (PASSARO, 2020, sem paginação); no sucesso de transmissões ao vivo em redes sociais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, sem paginação), que coalham de pessoas carentes de interação, ainda que virtual. A necessidade do ser humano de relacionar-se com as manifestações artísticas é elemento constituinte de nossa condição que fica evidenciada nesta experiência de isolamento social, inclusive, para a manutenção da saúde mental e a elaboração de sentido para a vida.

Flávio Desgranges, em seu livro *Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo* (2007), comenta a pesquisa desenvolvida por Philippe Meirieu com crianças entre seis e doze anos na França, que notou que uma das características daquelas “[...] que se sentem fracassadas pessoal e socialmente, é a absoluta incapacidade de pensar uma história, de pensar a própria história”. A incapacidade de pensar a própria história e, portanto, de atribuir sentido à existência, está diretamente relacionada ao acesso a artes que requeiram esforço para a construção desse sentido narrativo. Crianças entrevistadas que tinham o hábito de frequentar teatro, cinema e ouvir histórias, demonstraram mais facilidade em conceber fabulações, elaborar o discurso e apresentar acontecimentos de suas vidas.

Não pretendo aqui concluir sobre as melhores alternativas metodológicas para as possibilidades da presença do Teatro-educação neste contexto de isolamento social. Se por um lado ainda não temos respostas a todos os questionamentos, por outro não podemos nos furtar a começar a encará-los. É possível que a relação dos jovens com elementos da arte teatral, mesmo à distância seja significativa? Quais seriam investigações viáveis neste cenário? Proponho a reflexão sobre o tema, ilustrada por alguns exemplos.

Arriscando um encaminhamento para lidar com o tema, me amparo em duas das três dimensões constituintes da *Abordagem Triangular* para o ensino das artes, proposta por Ana Mae Barbosa (2004). A partir desta abordagem, fazer teatro, apreciar teatro e contextualizar o teatro produzido/assistido são elementos-chave para situar o teatro na educação brasileira na plenitude de suas possibilidades.

A sustentação do processo educativo do ensino das artes na criação, leitura e contextualização de objetos estéticos, reconhece as artes como

conhecimentos específicos e representa a revisão de conceitos e práticas que vinham sendo adotadas desde a inserção do ensino das artes nas escolas. Conforme Ana Mae Barbosa (2004) resume:

Cai por terra o slogan dos arte-educadores dos anos sessenta: “O que importa é o processo e não o produto”. Este slogan começa a ser substituído pela consciência da importância da relação “processo-produto”, na história do indivíduo e na história cultural (BARBOSA, 2004, p. 81).

Não se trata de retirar a liberdade criativa dos estudantes, mas de reconhecer também perspectivas racionais, históricas e sociológicas na obra artística. Familiarizando-se com os rastros históricos, as possibilidades de escolhas estéticas, as relações entre teatro e cultura, o aluno conquistaria outros elementos para a produção de sentido no encontro com objetos estéticos e também alimentaria o próprio fazer artístico.

Em sua tese, intitulada *Abordagens de história do teatro na escola: das propostas aos meios* (2013), Mariana Oliveira apresenta e discute estratégias de trabalho para o ensino da história do teatro através de estudos iconográficos em sala de aula e à distância, através do *site Teatro: História + imagem*¹, construído com a finalidade de oferecer registros dessas imagens e textos explicativos em linguagem apropriada aos alunos do Ensino Médio. Em seguida, a autora descreve procedimentos adotados de criação artística em sala de aula, baseados nas pesquisas históricas dos estudantes.

1. O endereço é <<https://sites.google.com/site/umahistoriadoteatro/>>.

Penso que as experiências de Mariana Oliveira podem contribuir como provocações sobre modos de abordar a leitura crítica de elementos teatrais disponibilizados *online* e suas análises histórico-político-sociais. Entretanto, considero problemática uma eventual exigência para a criação cênica à distância, pois exigiria requisitos mínimos de tecnologia, conhecimento digital e conectividade, para a criação e compartilhamento das experiências artísticas. Isto seria limitar mais ainda as possibilidades de participação societária dos estudantes, face à realidade de privação de meios a qual já estão submetidos. Em seu lugar, sugiro o foco na apreciação e contextualização de procedimentos teatrais registrados em vídeos acessados à distância, via plataformas como *Youtube* e *Vimeo*.

Uma vez que as escolhas metodológicas devem partir das idiossincrasias dos docentes, ofereço uma proposta – talvez provisória? – a esta questão, que aponta para análises e estudos decorrentes da apreciação e contextualização de jogos de improvisação, filmados e disponibilizados em plataformas digitais. Minha expectativa é que o interesse que estes jogos geram nos adolescentes possa fomentar o estudo de elementos do jogo teatral e da comicidade, bem como aspectos culturais, sociológicos e históricos relativos ao humor.

A proposta fundamenta-se na visão de Huizinga (2008), para quem a finalidade do jogo é o prazer gerado por ele mesmo. A diversão do ato de jogar é construída a partir da relação entre os jogadores, sustentada em regras consentidas. Os procedimentos para o ensino de teatro apoiados em jogos têm sido largamente utilizadas no Brasil, tendo as propostas de Augusto Boal e Viola Spolin como principais referenciais teóricos. Tais princípios do jogar, que engajam os estudantes para o aprendizado teatral, poderiam ser discutidos a partir dos registros em vídeo de espetáculos de improvisação disponíveis online.

Fenômeno semelhante ocorreu com grupos que trabalham profissionalmente com espetáculos de improvisação, como *ZE – Zenas Emprovisadas*², *Jogando no Quintal*³ e *Barbixas*⁴, se popularizaram bastante no Brasil a partir do começo dos anos 2000. O grande interesse público refletiu na adaptação de princípios dos jogos cênicos para a linguagem televisiva⁵, assim como na grande quantidade de visualizações que os registros de experiências de improvisações em teatro possuem na plataforma Youtube⁶. Boa parte destes grupos se baseia no método de improvisação denominado *Impro* (JOHNSTONE, 2008), que é sustentada por acordos que definem a maneira de jogar e, com objetivos claros a serem cumpridos, a avaliação da resposta dos atores às demandas da cena torna-se mais evidenciada. A estrutura apresenta, assim, grande potencial pedagógico, conforme apontado por Hortência Maia, em sua dissertação intitulada *Sistema Impro com crianças: experiência de ensino-aprendizagem do teatro na educação fundamental* (2015).

Admitindo-se que a elaboração estética é uma conquista e não uma aptidão inata do ser humano, talvez seja significativo discutirmos aspectos das escolhas de criadores cênicos como forma de aprendizagem, mesmo distantes fisicamente da experiência teatral. Refletindo sobre os signos propostos em cena, cada estudante tem formas de elaborar um percurso próprio, autônomo de proposição ou leitura do acontecimento

2. Grupo formado por Marcelo Adnet, Fernando Caruso, Gregório Duvivier e Rafael Queiroga.

3. Grupo formado por Allan Benatti, César Gouvêa, Cláudio Thebas, Eugênio La Salvia, Lú Lopes, Marcio Ballas, Marco Gonçalves, Nando Bolognesi, Paola Musatti, Paulo Federal, Rhena de Faria, Vera Abbud, Gabriela Argento, Álvaro Lages, Danilo Dal Farra e Ernani Sanches.

4. Grupo formado por Anderson Bizzocchi, Daniel Nascimento e Elidio Sanna.

5. O programa *É tudo improvisado* foi exibido na TV Bandeirantes em quatro temporadas entre 2010 e 2019. Além deste, outros programas baseados em jogos de improvisação foram ou são exibidos em outras emissoras.

6. Somente os vídeos do canal *Barbixas* possuem mais de um bilhão de visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/videosimprovaveis/about>>.

teatral, na mesma medida em que se estimula um olhar crítico às questões do mundo. Assim, constituem-se cidadão, consumidores, eleitores que estabelecem posições críticas a representações de *mundo simplistas* (DESGRANGES, 2003).

Mesmo com as atuais problematizações sobre presença e o uso de tecnologias em cena, a experiência do encontro entre espectador e artista cênico seguem fundamentais para a experiência cênica ampla, em especial com os jovens. Entretanto, se não é possível por hora acessar a plenitude da experiência teatral enquanto relação presencial, devemos buscar refletir sobre modos de atuação do ensino de teatro, sob pena de seu sequestro por ideias de que o fazer artístico seja simplesmente só expressar-se, sem critério ou reflexão. Como visto, a relação humana com a fruição faz parte de nossa constituição enquanto sujeitos sociais, entretanto conhecer a dimensão estética é fundamental para ampliar nossas possibilidades de comunicação e expressão artísticas. Alunos e professores, pais e filhos, profissionais e amadores seguirão exercendo sua necessidade de produção artística. Cabe a nós, docentes de teatro, refletirmos sobre a disputa que se apresenta, e nos posicionarmos diante dela.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portal da Base Nacional Curricular Comum*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 05 mai. 2020.

BORGES, Thais. Janelas da quarentena: do DJ ao saxofone, vizinhos transformam o isolamento em união. *Correio*, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/janelas-da-quarentena-do-dj-ao-saxofone-vizinhos-transformam-isolamento-em-uniao/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

CANCIAN, Natália. Brasil registra 749 novas mortes por coronavírus; total de óbitos é de 13.149. *Jornal Folha de São Paulo online*. 13 mai. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/brasil-registra-749-novas-mortes-por-coronavirus-total-de-obitos-e-de-13149.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 15 mai. 2020.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. Lives de João Donato e Lexa são destaque do sábado de quarentena. *Jornal Folha de São Paulo, Ilustrada*, 15 mai. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/05/lives-de-joao-donato-e-lexa-sao-destaques-do-sabado-de-quarentena.shtml>. Acesso em: 15 mai. 2020.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JOHNSTONE, Keith. *Impro: Improvisación y el teatro*. Santiago do Chile: Editorial Cuatro Vientos, 2008.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois da Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MAIA, Hortência. *Sistema Impro com crianças: experiência de ensino-aprendizagem do teatro na educação fundamental*. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação e Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MAZUI, Guilherme; GOMES, Pedro Henrique; CASTILHOS, Roniara. Coronavírus: Bolsonaro inclui salão, barbearia e academia como ‘atividades essenciais’. *PORTAL G1*, Política, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/11/coronavirus-bolsonaro-inclui-salao-barbearia-e-academia-como-atividades-essenciais.ghtml>. Acesso em: 18 mai. 2020.

OLIVEIRA, Mariana. *Abordagens de história do teatro na escola: das propostas aos meios*. 2013. Tese (Doutorado em artes cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PASSARO, Juliano. Netflix ganha 16 milhões de novos assinantes na quarentena por Covid-19. *SUNO*, Negócios, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/noticias/netflix-16-milhoes-novos-assinantes-isolamento-social/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SALDAÑA, Paulo. Manutenção do Enem durante a pandemia coloca Brasil na contramão da tendência mundial. *Folha de São Paulo online*, 8 mai. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/manutencao-do-enem-durante-a-pandemia-coloca-brasil-na-contramao-da-tendencia-mundial.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 18 mai. 2020.

SANDES, Arthur. Covid: Brasil contará 10 mil mortes no dia em que Bolsonaro chama churrasco. *Notícias UOL*, Saúde, 9 mai. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/09/brasil-passa-das-10-mil-mortes.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 15 mai. 2020.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. *Agência Brasil*, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 14 mai. 2020.

UOL. OMS volta a defender isolamento social: 'é a única opção que temos'. Notícias *UOL*, Redação, 30 mar. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/oms-volta-a-defender-isolamento-social-e-a-unica-opcao-que-temos.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 15 mai. 2020.

Recebido em: 20/05/2020
Aceito em: 17/06/2020